

10 JAN 1990

10 Jan 1990

Política recessiva é pura *desinformação*

JORNAL DA TARDE

Nós vivemos na era da informação instantânea, o que significa que também vivemos na era da **desinformação** instantânea. A desinformação, como sabemos todos, também conhecida como **desinformatzia**, é uma arma das mais eficientes utilizada na luta política e ideológica. Os que a utilizam partem do princípio de que a imensa maioria das pessoas que lêem jornais, ouvem rádio e, principalmente, vêem os noticiários da televisão, é destituída de espírito crítico. Elas aceitam o que vêem no vídeo, lêem nos jornais, ou ouvem nas rádios como verdade, ainda que o que lêem, ouvem e vêem seja um absurdo evidente para qualquer pessoa que possua espírito crítico.

Isso facilita enormemente a tarefa dos que têm interesse em desinformar.

Neste preciso momento estamos diante de um exemplo vivo e eloquente de como funciona a desinformação. As atenções da opinião pública brasileira estão totalmente concentradas nas conversas, debates e especulações sobre o que o próximo governo poderá fazer para enfrentar com a energia e a eficiência necessárias o problema de cuja solução dependerá a solução de todos os demais problemas que afligem a vida cotidiana de cada um dos 140 milhões de brasileiros: o problema da inflação.

Durante a semana que passou ouvimos os mais conhecidos economistas desta praça, das mais variadas escolas, políticos de todos os matizes ideológicos, cientistas sociais e empresários falando sobre o problema no **Fórum Nacional** realizado no Rio de Janeiro, dando suas sugestões e seus palpites sobre a melhor maneira de resolvê-lo. E, depois de ouvir tanta falação, qualquer pessoa dotada de espírito crítico terá chegado à mesma conclusão: fundamentalmente toda essa gente está de pleno acordo sobre as fontes geradoras do surto inflacionário e, conseqüentemente, sobre a política a ser aplicada para secar essas fontes. Não há divergências, a não ser de **nuances**. Não há soluções alternativas. Não há soluções milagrosas. Trata-se, pura e simplesmente, de acabar com o déficit público, ou seja, de fazer que o governo pare de gastar mais do que arrecada, o que quer dizer que se trata, principalmente, de reduzir o tamanho do governo, uma vez que não há possibilidade prática de aumentar o tamanho da arrecadação fiscal.

Trata-se, portanto, de um problema exclusivamente político, uma vez que reduzir o tamanho do governo, do aparelho estatal, significa contrariar frontalmente interesses políticos, reduzir drasticamente **poderes políticos**, alterar sensivelmente o atual equilíbrio de forças políticas, uma vez que num país nas condições do Brasil de hoje, o Estado é o grande manancial de poder político, na medida em que é o grande distribuidor de vantagens e privilégios.

Em outras palavras, para resolver o problema de uma inflação, que enquanto não for diminuída impede que se comece a pensar na solução de todos os outros problemas que afligem a sociedade brasileira, o presidente Fernando Collor de Mello terá de **governar o Estado**, de racionalizar a administração do Estado, para que ele deixe de funcionar como esse monstro parasitário que é hoje, sugando a seiva da economia nacional. Em outras palavras, terá de impor, desde o primeiro dia, sua autoridade de mandatário da maioria absoluta dos eleitores as poderosíssimas forças políticas representadas pela aliança entre a burocracia estatal, os trabalhadores das empresas estatais e os sindicatos que têm sua principal fonte de poder no setor estatal.

São exatamente essas forças que estão atrás da desinformação a que nos referíamos no início deste editorial.

As medidas unanimemente apontadas como indispensáveis para se conseguir vencer o surto inflacionário vão atingir, inevitavelmente, os interesses dessas forças. Vão ter **efeito recessivo** sobre o poderio dessas forças. Por isso, elas já estão mobilizadas para difundir a idéia absurda de que o presidente Fernando Collor está elaborando uma política recessiva para toda a economia nacional, que essas forças se dispõem a combater.

Ora, em primeiro lugar, é evidente que nenhum presidente da República, em nenhum país do mundo, em plena posse das suas faculdades mentais, podendo escolher entre uma política desenvolvimentista e uma política recessiva escolheria a segunda. Em segundo lugar, o setor estatizado da economia brasileira vive em profunda recessão há já alguns anos. Em terceiro lugar, o setor privado da economia nacional nunca exibiu tanta saúde como agora e se não está em plena expansão é pelo fato de estar desviando os excelentes lucros proporcionados por sua estupenda produtividade para financiar a recessão estatal, uma vez que nas condições inflacionárias criadas pelo atual governo seria uma insensatez aplicar esses lucros na expansão das suas atividades.

Assim, a recessão que se poderia seguir a um drástico corte das despesas do governo seria apenas uma continuação dessa recessão que já se acha instalada no universo estatal desde o fim da década dos setenta. Em compensação, se o governo Collor conseguir reduzir imediatamente o déficit público e, em prazo razoável, eliminá-lo, a resposta imediata do setor privado, com a liberação dos capitais hoje imobilizados no **overnight**, será certamente a retomada vigorosa do desenvolvimento.

Portanto, falar em política recessiva do próximo governo é pura **desinformação**.